

Novo indexador não assusta

Arquivo — 3/8/92

SÃO PAULO — Apesar do anúncio da criação de um novo indexador econômico com reajustes diários, alguns economistas e ex-ministros ainda estão descrentes da medida. “Eu vou esperar o Fernando Henrique anunciar isso”, comentou o ex-ministro Paulo Hadad. O mercado, por outro lado, está calejado com os anúncios e desmentidos do governo “mas está convencido de que não ocorrerão violências com os contratos”, diz o presidente da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), Manoel Pires da Costa. E outros “pagam para ver”, como o professor de economia da Fipe, Juarez Rizzieri.

A nova Unidade de Referência (UR), no entanto, não chega a tirar o sono de ninguém. “Um país que tem duas dezenas de indexadores é claro que não precisa de mais um, a não ser que seja pré-fixado e é isso que o governo deveria dizer”, avaliou o diretor de economia da Fiesp, Mário Bernardini, que se diz um mau leitor de entrelinhas. Segundo ele, tudo dependerá da adesão e da credibilidade. “Um índice que tenha o câmbio como parâmetro terá que ser ajustado de forma realista para não criar defasagens e fazer com que os produtos brasileiros percam competitividade nos mercados interno e externo”, diz Bernardini.

Adesão — Para Rizzieri, a sus-



Manoel Pires da Costa acredita que contratos não sofrerão violência

tentação da medida também dependerá da adesão dos agentes econômicos e da reação dos que vierem a perder com o reajuste diário de preços. “No momento é um indexador com parâmetro no câmbio, mas não conversível que vai tentar diminuir em alguns pontos a inflação passada, não mais partindo do patamar de 35%, mas é importante que seja realista para não ficar evidente quem são os perdedores”, diz o professor. Ele garante que os índices de custo de vida como os calculados pela Fipe não serão afetados. Pires da Costa considera es-

sencial que o indexador se mantenha “induzido e não compulsório”. Ele avalia que, para o mercado, é importante que não se crie constrangimentos aos contratos, porque isso significaria cair no descrédito. O vice-presidente do Conselho de Economia, Antônio Lacerda, também aposta na necessidade de uma adesão ao super-índice. “Essa adesão voluntária exigirá espécie de pacto entre sindicatos, empresários e governo. Somente a partir daí poderemos ver resultados no sentido de baixar a inflação”, diz Lacerda.